

## **A ESCUTA PSICANALÍTICA NAS RUAS DO *PHATOS* PSÍQUICO**

**LUCAS DOURADO LEÃO  
ALTIERE DUARTE PONCIANO LIMA**

### **INTRODUÇÃO**

O que vem à sua mente quando escuta a palavra Amazônia? Na maioria das vezes o que pode emergir é a ideia de floresta, afinal, essa floresta é uma das maiores do mundo, considerada um grande reator para o equilíbrio da estabilidade ambiental do planeta.

Em meio à floresta encontramos pessoas vivendo em cidades que são o reflexo da vida moderna. Um aglomerado de pessoas em centros urbanos que revelam as múltiplas camadas sociais e contraditórias das existências que expõem uma singular beleza em uma topografia complexa. Uma justaposição e mistura de geografia, natureza, tecnologia e humanidade. Um espaço urbano e psicossocial, construído e constituído de vidas, emoções, representações, comportamentos, subjetividades.

Entre asfalto e arranha-céus modernos, ainda é possível encontrar moradias com vias de pontes elevadas sobre rios e igarapés, as famosas palafitas. Residir na Amazônia, é morar numa cidade com características peculiares, é perceber a dicotomia. Ao lado da modernidade urbana ainda é possível encontrar uma casa com quintal e criação de animais que nos remetem a um ambiente rural. Os rios são as ruas da população ribeirinha da Amazônia, já dizia o poeta. Um significante compreendido para navegar na complexidade de divisões e linhas de segregação que caracterizam a região e as grandes metrópoles que se erguem de forma desordenada no meio da floresta. Todos somos partes de um ecossistema grande e complexo, onde a rica e diversificada sociedade coexiste a partir de uma intrincada relação de poder entre Estado, cidadãos, cidade e floresta.

Não há palco mais adequado para o espetáculo da vida moderna do que as ruas das cidades. A vida agitada dos grandes centros urbanos abre nossos olhos e nos chama atenção para alguns estímulos, outros passam despercebidos, quase invisíveis frente a tanta informação. Outros chocam tanto, que preferimos os ignoramos deliberadamente, uma escolha automatizada de negação da realidade urbana que circunscreve a vida moderna. Aqueles que possuem um olhar mais apurado e param suas vidas agitadas para observar o movimento das ruas percebem que há desamparo e angústia nas ruas das

idades. Estresse no trânsito, drogas, miséria, sofrimento psíquico. Se a cidade e suas intrínsecas características são complexas e dicotômicas, ela é o resultado dos humanos que a constroem e constituem. Ela nada mais é do que a expressão da realidade psíquica de sua população.

Este trabalho é a experiência e o desafio dos autores que implementaram nas ruas da cidade de Belém do Pará, um projeto de extensão que iniciou em 2015 com o objetivo de levar psicoeducação e escuta psicológica a população sobre um tema complexo: o suicídio. Aqui será relatada a experiência da escuta do *pathos* psíquico de pessoas que vivem na rua e da rua. Essa trama que envolve a cidade e as pessoas em situação social crítica, traduzida no jargão da vulnerabilidade social. Trata-se de pensar a psicanálise onde a academia resiste em ir – a rua. Mas onde o psicanalista pode (re)existir, afinal, falamos da implicação da psicanálise no campo social e político, distante do partidarismo e bem mais próximo do conceito aristotélico. Adaptando a frase de Saramago “Aonde vai o escritor, vai o cidadão”, podemos dizer *Onde vai o psicanalista, vai o cidadão*. É reconhecer a afirmação de Freud (1921), nas primeiras linhas de *Psicologia das Massas e Análise do Eu*: toda psicologia é social. Inspirados por Broide (2016), Tanis & Khoury (2009), fomos guiados pelo nosso compromisso social, para pensar e atuar no mundo em que vivemos, e por isso escolhemos a metrópole, em especial a metrópole da Amazônia, como foco de nossas reflexões e ações, pois assim como esses autores, a consideramos o lugar para o qual converge a subjetividade de cada um de nós.

## **O PROJETO PSICOLOGIA NAS RUAS**

O Projeto de Extensão Psicologia nas Ruas é uma iniciativa sem fins lucrativos promovida pela Fortiori Consultoria em Psicologia, tem como objetivo geral levar à população, através de intervenções na rua, informações e serviços relacionados à psicologia apresentando a comunidade, toda a rede de assistência pública e/ou privada que pode oferecer ajuda direta e profissional para as mais diversas demandas do sujeito, tornando-se, assim uma estratégia de redução de riscos para pessoas em sofrimento psíquico.

O principal conceito do projeto é o de *redução de risco*. A partir das intervenções na rua, busca-se levar psicoeducação para prevenir situações de violência

. Discutiremos mais adiante com maior profundidade esse conceito e sua relação com o cenário da modernização através da teoria de Ulrich Beck (2007) sobre *Sociedade de Risco*.

Para se alcançar tal objetivo, abriram-se três linhas de intervenção que também se tornam linhas de pesquisa: Violências, Vulnerabilidade social e Saúde Mental. Assim, é possível viabilizar uma prática supervisionada aos estudantes de psicologia fomentando a produção científica, contribuindo para o desenvolvimento da consciência social, ambiental e política formando profissionais cidadãos, construindo um vínculo próximo da psicologia com a comunidade que possibilite o desenvolvimento de um campo para troca de saberes, conhecimento e experiências. Acreditamos que só assim será possível integrar o ensino às demandas da sociedade, seus interesses e necessidades, estabelecendo mecanismos que inter-relacionem o saber acadêmico e o saber popular. Aliás, este é nosso maior desafio, traduzir o conhecimento científico para uma linguagem acessível e popular sem perder a cientificidade.

Os métodos utilizados na rua são basicamente cinco que se repetem em cada intervenção:

1. Jogos lúdicos de psicoeducação: jogos interativos visando informar sobre as mais variadas temáticas propostas para cada intervenção.
2. Rodas de conversa: coordenadas e direcionadas por profissionais e estagiários de psicologia a partir de técnicas de dinâmicas de grupo que visam o processo de reflexão e assentimento subjetivo a partir das vivências pessoais dos participantes sobre a temática proposta.
3. Palestras: são realizadas palestras informativas de cunho científico apresentando de forma didática e acessível a população esclarecimentos sobre determinado tema escolhido para a intervenção.
4. Produção de folder: material impresso com as informações necessárias sobre o tema e que contenha os dados da rede de assistência para que seja distribuído a população.
5. Plantão psicológico: escuta psicológica emergencial focal a partir de demanda espontânea ou encaminhamento que tem por objetivo principal diminuir a angústia latente direcionando para processos de reflexão e informação sobre a

rede de assistência particular ou pública aonde os acompanhamentos possam ser contínuos.

É possível adaptar a partir de Broide (2016), que o Projeto Psicologia nas Ruas busca dispositivos que permitam uma clínica, no sentido grego de *clínikè*, para estar ao lado do sujeito, no leito - em nosso caso na rua - nas mais variadas instituições, nas prisões, nos hospitais, na área socioassistencial, na justiça, na economia solidária, na universidade, ou seja, onde seja possível a operação de um dispositivo psicanalítico que permita a circulação da palavra e os processos de singularização dos sujeitos.

A clínica se alicerça na articulação da psicanálise com outros saberes, permitindo uma melhor compreensão e uma abordagem transformadora do mundo contemporâneo. É esse mundo que consideramos nosso campo de trabalho, e ele se apresenta através de relações transferenciais complexas e multifacetadas. Tratamos de ver o que as transferências nos diferentes campos nos apresentam, para então tratar de nomear aquilo que ocorre (Broide, 2016, p. 10).

Pensamos ousar seguir uma proposta freudiana apresentada no início de *As pulsões e seus destinos* (1915), que nos convida a pensar que a ciência é construída sobre conceitos fundamentais claros e precisos, mas para que isso ocorra, primeiramente é necessário descrevermos os fenômenos, para depois procedermos a sua ordenação e agrupamento, a partir das correlações evidenciadas. Assim, nos lançamos a práxis psicanalítica, trazendo um aprofundamento conceitual sobre a escuta do *phatos* na rua no contexto de uma clínica no campo social.

## **A MODERNIDADE E OS CONFLITOS PULSIONAIS**

O termo modernidade implica uma série de transformações sociais, materiais, políticas e intelectuais a partir da emergência e difusão do iluminismo. Houve uma mistura à revolução industrial e às transformações geradas pelo capitalismo. A ideia de progresso baseado na ciência e na razão é o resultado dos padrões críticos e racionais surgidos no Renascimento, assim nos apresentam Menezes (2006) e Giddens (1991).

A modernidade é um fenômeno de dois gumes, na medida em que o desenvolvimento da ordem moderna e sua difusão global, ao mesmo tempo em que criou oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência

segura e gratificante mais que qualquer tipo de sistema pré-moderno, de um outro lado ela trouxe mais violência exacerbada e em escala mundial (GIDDENS, 1991). Um preço caro a se pagar pelo progresso.

Pode-se dizer que três fontes facilitaram a transição da ordem tradicional para a ordem moderna: a separação de tempo e espaço; o processo de desencaixe dos sistemas sociais; a apropriação reflexiva do conhecimento (MACÊDO, 2012).

Faz parte do projeto do iluminismo a enunciação da ideia de felicidade segundo a qual o ser humano dominaria a natureza com base na razão científica e constituiria uma sociedade igualitária. Surgiram novos estilos, costumes e formas de organização social. São notáveis o declínio da esfera pública e política, a mistura entre o público e o privado, as novas formas de identidade social, a expansão dos fundamentalismos, os tribalismos e as mudanças que a tecnologia gerou na produção material e no cotidiano (ibidem, 2012).

Há um processo gradual e progressivo de desagregação do tecido social. O abandono do Estado aumenta a vivência de desvalia e desamparo por parte dos indivíduos, potencializando a sensação de vazio, o que culmina na busca frenética de objetos efêmeros que “preenchem” esse vazio, e que “dêem sentido à existência do sujeito”. Na atualidade predominam as formações de ego baseadas em idealizações que negam a impotência e a castração, a passagem do tempo, ou seja, que negam o nosso desamparo da condição humana. Isso contribui para a constituição de uma subjetividade autocentrada e narcísica. Uma consequência disso é a alteração nas modalidades de sociabilidade que aponta para a fragilização dos vínculos sociais, ou seja, dos laços mútuos e da constituição e permanência dos grupos (MACÊDO; JUNQUEIRA; CARNEIRO; MIRANDA; PEREIRA; MACEDO, 2010).

Utilizando as palavras de Birman (1999, p. 23-25):

Nas últimas décadas, constitui-se no Ocidente uma nova cartografia do social, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental. Esta fragmentação é a matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas. Atualmente se articulam a medicalização e psiquiatrização do social, mediados pelas neurociências e pela psicofarmacologia, e a construção empresarial gigantesca do narcotráfico. Essa articulação se funda em certos modelos privilegiados de subjetivação investidos pela cultura do narcisismo e pela sociedade do espetáculo, e enfatizam a exterioridade e o autocentramento [...] Os destinos do desejo assumem uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas. Esse é o trágico cenário da violência que marca a atualidade.

O mal-estar da atualidade causa interferências diretas no processo de subjetivação dos seres humanos que habitam as cidades. Na intrincada relação Estado, cidadãos, cidade e floresta, uma legião de pessoas adoecidas passam a fazer parte do cenário cada vez mais caótico e sofrido dos tempos modernos. A violência se espalha por todos os lados. As ruas tornam-se prisões a céu aberto de pessoas em sofrimento psíquico. As cidades revelam a humanidade em situação de vulnerabilidade social. Das janelas dos carros, ou dentro do transporte público é possível perceber uns com tanto, outros com as poucas moedas que restaram do troco de quem tem.

A exposição da miséria no tecido urbano tem sido objeto de estudos muito recentes das ciências sociais e humanas, em especial da Psicologia. Quando a cidade deixa de ser um conceito puramente geográfico para tornar-se um símbolo complexo e inesgotável da existência humana (CALVINO, 1999), as ciências humanas passam a ter mais um campo de investigação e atuação no que diz respeito aos estudos biopsicossociohistóricos dos fenômenos urbanos. Afinal, é possível perceber na cidade, em especial na rua dos centros urbanos, o resultado de uma sociedade excludente. É preciso olhar para os sujeitos na rua, e mais do que olhar, é preciso escutar e intervir, sejam eles transeuntes, moradores do bairro ou pessoas em situação de rua. Todos pertencemos a mesma comunidade. É necessário se reconhecer no reflexo do resultado de como a geografia forma as emoções dos moradores das cidades. Esse reflexo mostra uma verdade inconveniente, estamos vivendo numa sociedade de risco.

Compreender a sociedade de risco surge com o pensamento de Ulrich Beck (1999) o qual analisa as ameaças e incertezas pertencentes às condições gerais da existência humana; a semântica do risco está relacionada especificamente com o processo de modernização, no qual adquirem maior significado as decisões, as incertezas e a probabilidade. Está relacionada à tematização no presente de perigos futuros, percebidos como resultado da civilização. Onde estamos? E para onde estamos caminhando?

O termo civilização é muito conhecido da Psicologia, em especial da Psicanálise. Freud em 1913, ao forjar o mito da horda primitiva em seu texto *Totem e Tabu*, revela os conflitos que solidificam a subversão humana ao estado de natureza e inauguram o processo civilizatório. Toda a teoria psicanalítica está fundada nos conflitos internos do Id e do Superego, Consciente e Inconsciente, Princípio de Prazer e Princípio da Realidade e a dualidade pulsional entre Pulsão de Vida e Pulsão de Morte. A civilização

nasce desse conflito, sendo inaugurada a partir da morte do pai da horda primeva. Esse pai morto cria ambivalências entre amor, pela admiração a esse líder, mas também ódio por ser o tirano. Ulrich Beck traz em seus estudos que há um certo grau de ambivalência no conceito de risco.

A ambivalência do conceito de risco reside na necessidade de decisão que ele implica: pesar oportunidades e perdas. Toda uma ciência do risco se desenvolveu e nasceu do cálculo probabilístico, uma primeira tentativa de controlar o incontrolável. O risco tem uma dimensão de experimentação: não se pode teorizar sobre ele, é da ordem da probabilidade. Portanto, falar de risco é pensar que ele pode ou não acontecer. A categoria de risco gera um mundo que ultrapassa a clara separação entre conhecimento e desconhecimento, verdadeiro e falso, bom e ruim. Ao se falar de risco, estamos frente a uma ameaça.

Isso não quer dizer que saia do horizonte do conhecimento, mas se trata de um conhecimento probabilístico, que envolve o trato com incertezas, que atualmente não pode ser resolvido com mais saber, pelo contrário, é resultado do maior conhecimento. “Risco é um tema mediador que demanda uma nova divisão de trabalho entre a ciência, a política e a economia” (BECK, 2007, p.23).

Nas sociedades de risco as consequências do sucesso da modernização nos parecem ser redundantes para se alcançar a compreensão: os riscos se tornam mais arriscados, pois as condições para seu cálculo e sua gestão fracassam em parte, e, correlativamente, altera-se o papel da ciência e da técnica. Nestas circunstâncias, cria-se um novo clima moral para a política, no qual valores culturais desempenham um papel central. A história das instituições políticas da sociedade moderna dos séculos XIX e XX pode ser entendida como a criação conflituosa de um sistema legal para lidar com as incertezas e riscos industriais fabricados, isto é, fruto de decisões. O cálculo de risco, o princípio do seguro, o Estado de bem-estar social possibilitam contratos de risco, sancionados pelo Estado, isto é, institucionalizam promessas de segurança frente a um futuro desconhecido. “A categoria da sociedade de risco tematiza o processo de questionamento das ideias centrais para o contrato de risco, a possibilidade de controle e a possibilidade de compensação de incertezas e perigos fabricados industrialmente” (BECK, 2007, p.26). Sua dinâmica está no sucesso da modernidade, cujos efeitos não mais são passíveis de controle, daí a incerteza autofabricada.

## CONCLUSÃO

É possível perceber emergências subjetivas nas ruas da sociedade de risco como resultado do processo de modernização. É inegável a urgência de realização de um caminho inverso dos profissionais da saúde mental no que diz respeito a saída do *setting clássico* da Psicologia, para um ambiente onde a escuta possa ser ofertada de forma particular e inovadora. É por isso que escuta psicanalítica precisa estar nas ruas.

A Psicanálise na Europa, não é a mesma no Brasil, muito menos a realizada na Amazônia. O sujeito do Inconsciente, apesar de permanecer como objeto de estudo, demonstra uma particularidade de constituição diferente aqui e é disso que se trata ao falarmos dessa escuta psicanalítica do *Phatos* Psíquico do sujeito ribeirinho, do brasileiro ou do europeu. Trata-se aqui de uma desburocratização do ofício psicanalítico de consultórios com divã. Broide (2016), nos brinda com uma afirmação importante: “Quando o atendimento nas situações sociais críticas não é burocratizado e o sujeito fala, deparamo-nos com situações transferenciais da maior complexidade” (p. 27).

As situações sociais críticas, emergenciais, criam no sujeito mecanismos psíquicos para sobrevivência. O projeto realizado por nós, surge para dar luz a esse sujeito e as diversas estradas, ruas, que esse sujeito pode alcançar e ocupar. Entretanto, ainda há muito o que caminhar.

## REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. **Sociedade global de risco: na busca da segurança perdida**. Frankfurtam Main: Suhrkamp, 2007.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

BROIDE, J. & BROIDE, E. E. **A Psicanálise em Situações Sociais Críticas: metodologia clínica e intervenções**. São Paulo: Escuta, 2015.

FREUD, S. (1913 [1912-13]) **Totem e tabu**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1915). **Pulsões e destinos da pulsão**. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. (1921). **Psicologia das massas e análise do ego**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 89-179.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. 2ª Edição, São Paulo: Editora UNESP, 1991

MACÊDO, K. B.; JUNQUEIRA, M. F.; CARNEIRO, D. M.; MIRANDA, J. I. C.; PEREIRA, M. A. D.; MACEDO, S. B. **Será que essa tristeza é depressão**. Goiânia: Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.

MENEZES, L. S. **Pânico**: efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2006.

TANIS, B. & KHOURI, M.G. **A Psicanálise nas tramas da cidade**. Ed. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2009.